

**Quanto vale a capacidade empreendedora dos licenciados portugueses?  
Estudo de caso a partir da Universidade de Évora e da Universidade da Beira Interior<sup>1</sup>**

Conceição Rego  
mcpr@uevora.pt  
Departamento de  
Economia  
Universidade de Évora  
Largo dos Colegiais, 2  
7000-803 Évora  
Telefone: 266.740.894  
Fax: 266.740.804

Zélia Serrasqueiro  
zelia@ubi.pt  
Departamento de Gestão e  
Economia  
Universidade da Beira  
Interior - Pólo IV  
Estrada do Sineiro, s/n  
6200-209 Covilhã  
Telefone: 275 319 600  
Fax: 275 319 601

Paulo Silva  
pfs@uevora.pt  
Departamento de Gestão  
Universidade de Évora  
Largo dos Colegiais, 2  
7000-803 Évora  
Telefone: 266.740.894  
Fax: 266.740.804

## **Resumo**

A retenção de diplomados, nas regiões e nas cidades onde fazem a sua formação, é um dos efeitos potenciais das Instituições de Ensino Superior (IES) mais significativos, no território envolvente. Efectivamente, o maior ou menor grau de retenção de diplomados traduz a adequação entre as necessidades de formação locais e regionais e a oferta disponibilizada pelas IES, e contribui para a melhoria do capital humano do território.

O papel das IES na transferência de tecnologia, investigação e desenvolvimento (I&D) e conhecimento para as empresas/outras entidades, ao nível da região onde se inserem, proporciona o estabelecimento de relacionamentos entre as partes que facilitam a inserção dos licenciados na região e estimulam o espírito empreendedor.

Com este estudo pretendemos analisar a capacidade e o espírito empreendedor dos estudantes de licenciatura da Universidade de Évora (U.E.) e da Universidade da Beira Interior (U.B.I.), bem como a intenção de iniciar a sua actividade profissional nas cidades onde estudam. Esta análise será baseada no tratamento estatístico de um inquérito por questionário aplicado aos estudantes inscritos nos dois últimos anos de todos os cursos de licenciatura destas IES.

---

<sup>1</sup> Este estudo insere-se no âmbito do Projecto OBSERÉGIO – Observatório Transfronteiriço da Avaliação do Impacto das Universidades no Tecido Regional, financiado pelo Programa INTERREG III A.

## **1. Introdução**

Os desenvolvimentos teóricos em torno dos efeitos das instituições de ensino superior (IES) no meio em que se inserem são unânimes em considerar que os mesmos não são negligenciáveis. Contudo, a amplitude que assumem depende do grau e do tipo de inter-relações entre as IES e as restantes organizações económico-sociais do meio. Assumimos que as IES são entidades polarizadoras de processos de desenvolvimento na medida em que, através da sua actividade, da formação de recursos humanos, da difusão de conhecimento, informação e inovação, poderão transmitir impulsos de crescimento para o tecido económico e social envolvente.

Por seu turno, os conceitos de desenvolvimento e crescimento económico estão fortemente subordinados à melhoria do capital humano. Factores como a educação, a experiência ou os conhecimentos adquiridos pelos indivíduos são os “inputs” indispensáveis ao aumento do capital humano. Como corolário, sintetizamos então que quanto maiores os níveis de acumulação de capital humano, mais significativas são as externalidades positivas geradas na economia e mais intenso e sustentado serão o crescimento e o desenvolvimento económicos.

Nesta investigação propomo-nos analisar a capacidade e o espírito empreendedor dos estudantes de licenciatura da U.E. e da U.B.I., bem como a intenção de iniciar a sua actividade profissional nas cidades onde estudam. Para isso aplicámos, em ambas as instituições, um questionário aos alunos dos dois últimos anos dos cursos de licenciatura, seleccionados de forma aleatória. Por isso, estruturámos a comunicação da seguinte forma: em primeiro lugar, procedemos a uma breve revisão da bibliografia nas áreas dos efeitos das universidades na melhoria do capital humano e do empreendedorismo; em segundo lugar, caracterizamos, de forma sumária as instituições envolvidas; em terceiro lugar, apresentamos a metodologia adoptada e finalmente os resultados obtidos.

## **2. Revisão da bibliografia**

“Os recursos humanos serão sempre a parcela mais rica e promissora do potencial endógeno, tanto mais rica e tanto mais promissora quanto mais qualificada.

Daí que a educação, a formação em geral assuma função de carácter estratégico, estruturante, no processo de desenvolvimento” (Simões Lopes, 1996: 4).

Os recursos humanos qualificados terão um papel cada vez mais significativo no desenvolvimento das sociedades, à medida que elas se tornarem mais dependentes do conhecimento. A inovação e os novos produtos e processos irão ter uma importância cada vez maior no seio das empresas. A investigação e o conhecimento, enquanto conteúdos transaccionáveis, tenderão a aumentar e as empresas deverão reforçar os seus quadros com investigadores, engenheiros e outro pessoal técnico especializado (Shelton, 1997:16).

Em todas as regiões, de um modo geral, e nas regiões menos desenvolvidas, em particular, a apetência da população para “consumir” educação é fortemente influenciada – favorável ou desfavoravelmente – pela estrutura das actividades locais e pelas oportunidades por ela criadas (Neave, 1979). Nestes espaços, o estímulo à educação decorre, fundamentalmente, do contexto sócio-produtivo que, por seu turno, influencia a procura de educação, reforçando assim o carácter fundamental da empregabilidade associado à formação.

A qualificação dos recursos humanos orientada para as necessidades das empresas constitui um dos traços distintivos do ambiente nacional onde a competitividade e a capacidade inovadora das empresas são apoiadas pelo sistema de educação e formação, com destaque para a Universidade (Lopes, 2001:79). As instituições de ensino superior deverão estabelecer ligações com os agentes públicos, centrais ou locais e com as empresas com vista a assegurar que os seus programas e conteúdos dêem origem a maiores níveis de empregabilidade, no futuro.

Dado que a componente de investigação nas IES pode assumir uma vertente mais globalizante, sem prestar atenção às especificidades regionais, Goddard (1998) defende que é ao nível do ensino e recrutamento de diplomados para o mercado de trabalho regional, bem como ao nível dos programas de formação profissional, que o impacte destas instituições será mais significativo.

A inserção das IES no processo de desenvolvimento de uma região pode ser aferida a partir da sua contribuição para o ensino e para a formação ao longo da vida e, conseqüentemente, por via das saídas profissionais possibilitadas, ou seja, a partir do modo pelo qual o conjunto dos ensinamentos ministrados corresponde ou não a necessidades específicas do ponto de vista da região. Será interessante analisar até que ponto os

estudantes provenientes de uma região optam por estudar nas IES aí localizadas e, depois, em que medida é que as empresas e instituições instaladas na região absorvem os diplomados provenientes das suas IES. Grande parte do impacto económico das IES depende das decisões dos seus graduados não migrarem (Brown e Heaney, 1997). À partida podemos admitir que o ensino superior aumenta a probabilidade de migração, na medida em que os graduados estão mais aptos para competirem nos mercados de trabalho nacionais e internacionais e assim saírem da região onde estudaram. As decisões de migração são baseadas, fundamentalmente, nas oportunidades de emprego: se numa dada região não há tradição de crescimento do emprego em determinados sectores de actividade, mas há diplomados nessas áreas, então estes serão potenciais emigrantes. Assim, o aumento do conjunto de conhecimentos das IES pode não afectar o desenvolvimento das economias locais se não existirem postos de trabalho adequados e disponíveis para os novos graduados. Por outro lado, as IES podem funcionar também como um elo de ligação ao exterior, fazendo com que se instalem na região ex-estudantes provenientes de outras áreas, trazendo com eles os conhecimentos que acumularam na sua formação, e alargando os horizontes aos residentes locais, através do contacto quotidiano com estes “imigrantes”.

A retenção dos diplomados é, pois, um dos principais mecanismos que permite à região conservar elementos dotados de sentido de inovação, espírito empresarial e de capacidade de gestão. As taxas de retenção reflectem, todavia, a interacção de numerosos factores: a capacidade das IES oferecerem estudos e formação que tenham em conta as necessidades da economia regional, a solidez, a diversidade e a importância da base económica regional, o contexto da economia nacional, a origem dos estudantes, o tipo de estabelecimento de ensino frequentado e o contexto sócio-económico dos estudantes.

Segundo Huffman e Quigley (2002) os estudantes provenientes de outras regiões e até de outros países desenvolvem redes e contactos como estudantes e como residentes na comunidade local, ao longo da sua formação. Uma consequência possível é que após a licenciatura é mais provável que os licenciados passem a residir na localidade ou na região, em que receberam a sua formação académica, pelo que nesta perspectiva as IES desempenham a função de fixar recursos humanos formados na região onde se localizam.

Apesar da importância que têm os diplomados na melhoria da qualificação dos recursos humanos, as IES dedicam poucos recursos à sua colocação no mercado de trabalho (Goddard, 1998), o que não se afigura o procedimento mais adequado no sentido da promoção do desenvolvimento regional. Para inverter esta tendência, este autor sugere que seria indispensável que as IES compreendessem as necessidades do mercado em termos de formações, não só no presente como também no futuro, e agissem de forma activa no sentido de entender os seus estudantes como clientes e os seus empregadores como utilizadores finais.

As IES disponibilizam meios aos estudantes para criarem o seu próprio emprego. Para além de disciplinas como “Empreendedorismo” e “Criação de Empresas” integradas nos planos curriculares das licenciaturas, as IES podem apoiar os estudantes na criação da sua própria empresa, através de vários meios. Entre estes, destacam-se os contactos das IES estabelecidos com as empresas locais, como forma de assegurar o sucesso dos estudantes empreendedores (Huffman e Quigley, 2002). Ainda segundo estes autores a incubação de empresas promovida pelas IES é uma forma de apoio dos estudantes na criação da própria empresa. A incubação proporciona espaço físico, equipamento e aconselhamento de docentes e de empreendedores de sucesso. Frequentemente, os negócios objecto de incubação atraem financiamento e tornam-se empresas locais de sucesso. Os concursos de empreendedorismo estimulam o espírito empreendedor e podem estabelecer a ligação entre os promotores e as fontes de financiamento. Nestes concursos, os estudantes apresentam os planos de negócio a um painel de avaliadores composto por representantes de sociedades de capital de risco e consultores. Os planos de negócio seleccionados recebem financiamento e transformam-se em *start-ups* de potencial sucesso (Huffman e Quigley, 2002).

A par dos estudos que se centram nas características individuais dos empreendedores, bem como no seu impacto na criação de empresas e no sucesso dos negócios, vários estudos têm sido feitos em torno do papel das IES na formação de empreendedores. Neste sentido, valoriza-se o ensino do empreendedorismo, definindo-se como o ensino com o objectivo de criar um produto ou serviço que se traduz na criação valor acrescentado (Hansemark, 1998). Além disso, o ensino do empreendedorismo também se concentra no conhecimento da propriedade das pequenas empresas e da criação do próprio emprego, bem como nas características e aptidões dos empreendedores. O ensino formal do empreendedorismo parece influenciar as atitudes

dos estudantes na escolha do empreendedorismo como uma opção de carreira (Hatten, 1995; Hansemark, 1998).

Apesar do debate em torno das características do empreendedor como sendo inatas, os estudos de Vesper (1990) e de Gorman (1997) concluem que os atributos psicológicos associados ao empreendedorismo podem ser experimental e culturalmente apreendidos. Pois, segundo Boyd e Vozikis (1994) uma combinação de factores pessoais e contextuais predispõe os indivíduos para intenções empreendedoras. Os factores pessoais e contextuais atribuídos aos empreendedores têm sido categorizados segundo os factores de carácter demográfico e factores de personalidade. Os estudos realizados não têm chegado a um consenso relativamente à influência dos factores demográficos no fomento de tendências empreendedoras. Mas, os factores psicológicos têm sido identificados como factores determinantes da capacidade empreendedora de uma pessoa (Wayne, Watson, Carland e Carland, 2003).

Vários factores de carácter psicológico têm sido sugeridos como determinantes do comportamento empreendedor. Kourilsky (1980) sugere como factores mais relevantes: necessidade de realização; tomada de risco e fixação de objectivos; criatividade e iniciativa; auto-confiança e necessidade de auto-controlo; necessidade de independência e autonomia; motivação, energia e responsabilização; e persistência. Gorman (1997) refere que a capacidade empreendedora de uma pessoa se relaciona com os seguintes factores de ordem psicológica: atitudes e valores, metas pessoais, criatividade, propensão para aceitação do risco e procura de controlo. Também, como factores psicológicos, McClelland (1961) identifica como mais importantes a motivação para a realização, tomada de risco e controlo. Contudo, Sexton e Bowman (1993) e Brockhaus (1980) consideram que a propensão para a tomada do risco não é um factor determinante do comportamento empreendedor. Contrariamente, o estudo de Wayne, Watson, Carland e Carland (1998) conclui que os empreendedores têm maior propensão para a tomada do risco e preferência pela inovação do que os gestores das empresas ou os proprietários das empresas de pequena dimensão.

### **3. Principais características das instituições**

A Universidade Évora, apesar da sua longa história secular, é uma das mais recentes Universidade portuguesas, tendo sido criada em 1973, então com a denominação de Instituto Universitário de Évora, pelo Decreto-Lei nº 402/73, de 11 de

Agosto. Em 1979 é extinto o Instituto Universitário de Évora para dar lugar à nova Universidade de Évora.

As aulas na Universidade de Évora começaram a 10 de Novembro de 1975, tendo sido criados os cursos de Produção Vegetal, de Produção Animal, de Ciências Sociais e de Planeamento Biofísico. Com o seu crescimento, quer em número de estudantes, de docentes e de pessoal técnico, auxiliar e administrativo, com os ajustes curriculares que o tempo exige bem como com a obrigação de formar técnicos para outros ramos do conhecimento científico, da cultura e das artes, a Universidade de Évora conta presentemente com inúmeros cursos de licenciatura e de formação avançada.

Os ensinamentos estão a cargo de vinte Departamentos que se agregam em cinco Áreas Departamentais (Ciências Agrárias, Ciências Económicas e Empresariais, Ciências Exactas, Ciências Humanas e Sociais e Ciências da Natureza e Ambiente). O pessoal docente e de investigação, organizado em equipas, no seio dos Departamentos e Centros de Investigação, desenvolve actividades de I/DE e de cooperação, tanto a nível nacional como internacional, sustentáculo da formação conferida aos estudantes nas diferentes áreas científicas. No que se refere à organização da formação inicial ela agrega-se em torno de Comissões de Curso, unidades transversais aos Departamentos com capacidade de gestão dos ensinamentos ministrados pelos Departamentos.

Actualmente a Universidade tem cerca de 7000 alunos de licenciaturas distribuídos por 40 licenciaturas: Arquitectura, Arquitectura Paisagista, Artes Visuais, Biologia, Bioquímica, Ciências da Actividade Física Humana, Ciências do Ambiente, Ciências Físicas, Economia, Educação de Infância, Engenharia Agrícola, Engenharia Agro-Alimentar, Engenharia Biofísica, Engenharia Civil, Engenharia Geológica, Engenharia Informática, Engenharia Mecatrónica, Engenharia Química, Engenharia de Recursos Hídricos, Engenharia Zootécnica, Ensino Básico - 1.º Ciclo, Ensino de Biologia-Geologia, Estudos Portugueses e Espanhóis, Estudos Teatrais, Filosofia, Física e Química, Gestão, História, História - Ramo Património Cultural, Informática e Gestão, Línguas e Literaturas: Português Francês, Línguas e Literaturas: Português Inglês, Matemática e Ciências da Computação, Medicina Veterinária, Música, Psicologia, Química, Sociologia, Turismo e Desenvolvimento e Tradução. Para além dos estudantes de formação inicial conta ainda com cerca de 500 alunos em formação pós-graduada em Portugal e no Brasil.

Os primeiros passos a caminho do que hoje é a Universidade da Beira Interior foram dados na década de 70, quando nasceu o Instituto Politécnico da Covilhã, em 1973. Assim, na sequência da publicação do Decreto-Lei nº 402/73, de 11 de Agosto, no quadro da chamada “Reforma Veiga Simão”, que deu lugar à expansão e diversificação do Ensino Superior, foi criado o Instituto Politécnico da Covilhã (IPC), que recebeu em 1975 os seus primeiros 143 alunos, nos cursos de Engenharia Têxtil e Administração e Contabilidade.

Em Julho de 1979, seis anos passados, a instituição converte-se em Instituto Universitário da Beira Interior, através da publicação da Lei nº 44/79, de 11 de Setembro, que a tornaria efectiva. A conversão do Instituto Universitário em Universidade da Beira Interior veio a acontecer em 1986, através da publicação do Decreto-Lei 76-B/86, de 30 de Abril.

A U.B.I., actualmente com cerca de 5500 alunos, engloba um conjunto de Departamentos que se estendem pelas mais variadas áreas do conhecimento, colocando a Covilhã e a região em estreito contacto com o conhecimento científico e artístico. Tal decorre não só do ensino ministrado mas também da investigação efectuada nos diversos departamentos. Segundo as várias unidades científico-pedagógicas, na U.B.I. são ministradas as seguintes licenciaturas:

- Unidade Científico-Pedagógica das Ciências Exactas: Licenciatura em Química Industrial; Licenciatura em Ensino de Física e Química, Licenciatura em Ensino de Matemática, Licenciatura em Bioquímica, Licenciatura em Optometria e Optotecnia (Física Aplicada).

- Unidade Científico-Pedagógica das Ciências de Engenharia: Licenciatura em Engenharia Química, Licenciatura em Arquitectura, Licenciatura em Engenharia Electromecânica, Licenciatura em Engenharia Informática, Licenciatura em Engenharia Civil, Licenciatura em Ensino de Informática, Licenciatura em Engenharia da Produção e Gestão Industrial, Licenciatura em Engenharia Têxtil, Licenciatura em Engenharia Mecânica - Ramo Automóvel, Licenciatura em Engenharia Electrotécnica, Ramo Sistemas e Computação, Licenciatura em Engenharia Aeronáutica.

- Unidade Científico-Pedagógica das Ciências Sociais e Humanas  
Licenciatura em Ciências do Desporto, Licenciatura em Sociologia, Licenciatura em Gestão, Licenciatura em Marketing, Licenciatura em Economia, Licenciatura em Psicologia.

- Unidade Científico-Pedagógica das Artes e Letras: Licenciatura em Cinema, Licenciatura em Design Industrial, Licenciatura em Língua e Cultura Portuguesas, Licenciatura em Filosofia, Licenciatura em Design Multimédia, Licenciatura em Design Têxtil e do Vestuário, Licenciatura em Ciências da Comunicação, Licenciatura em Português e Espanhol, Licenciatura em Português e Inglês

- Unidade Científico-Pedagógica das Ciências da Saúde: Licenciatura em Ciências Biomédicas, Licenciatura em Medicina.

#### **4. Metodologia aplicada**

Com base na revisão da literatura sobre o papel das IES no desenvolvimento das regiões em que se inserem, bem como no estímulo do espírito empreendedor, estabeleceram-se para este estudo os seguintes objectivos:

- Analisar a capacidade e o espírito empreendedor dos estudantes de licenciatura da Universidade de Évora e da U.B.I., bem como a intenção de iniciar a sua actividade profissional nas cidades onde estudam.

A amostra deste estudo incidiu sobre os estudantes da U.B.I. e da Universidade de Évora. Relativamente à U.B.I., a população incluiu os estudantes dos dois últimos anos das licenciaturas ministradas nesta universidade. Escolheram-se aleatoriamente os estudantes por licenciatura aos quais foi administrado directamente um inquérito por questionário. Administraram-se 316 questionários que foram correctamente preenchidos e devolvidos pelos alunos de várias licenciaturas (Quadro 4 em Anexo). No que respeita à U.E., foram aplicados 1578 questionários (distribuídos de acordo com o quadro 1 em Anexo), a alunos dos dois últimos anos das licenciaturas ministradas neste estabelecimento de ensino. Foram seleccionadas aleatoriamente as disciplinas onde se aplicaram os questionários, tendo sido devolvidos 421 questionários (26,7% dos questionários enviados) correctamente preenchidos (estrutura de questionários devolvidos no quadro 4).

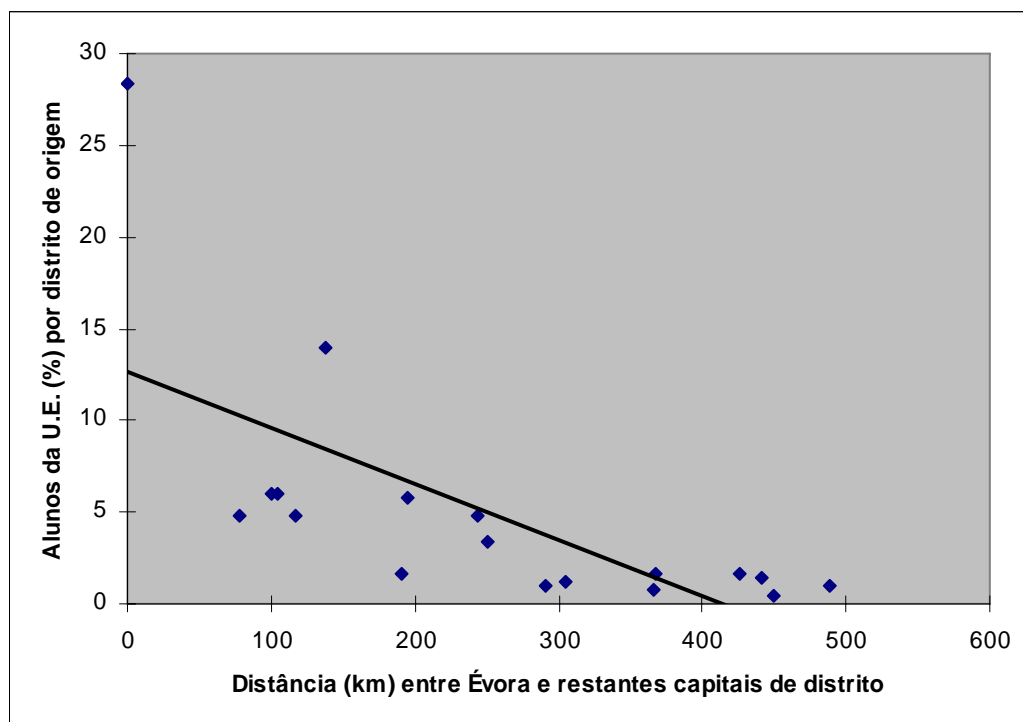
Este inquérito por questionário é formado por questões relativas às características sócio-demográficas dos alunos, licenciatura frequentada, objectivos dos alunos, factores de personalidade relacionados com o espírito empreendedor, bem como com as atitudes dos alunos relativas à criação do seu próprio emprego e à criação da sua

empresa. O seu tratamento estatístico realizou-se através do emprego do *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS).

## 5. Resultados Obtidos

Relativamente às características sócio-demográficas dos alunos (Quadro 2) da U.B.I. constata-se que a maioria dos respondentes nasceu no distrito de Castelo Branco, ou seja, no distrito em que se localiza a universidade, seguido dos distritos da Guarda, Lisboa, Viseu, Braga e Aveiro, embora com menor importância relativa. A proveniência de alunos destes distritos mostra a atractividade que a U.B.I. tem tido nas regiões Norte e Litoral de Portugal continental. No caso da U.E., também o distrito de Évora, onde se localiza esta IES, é aquele que mais contribui para os seus estudantes. Por ordem decrescente de importância, seguem-se os distritos de Lisboa, Portalegre, Setúbal, Leiria, Beja, Santarém e Faro. Estas localizações reforçam a ideia de que a zona de atractividade da U.E. se situa, de um modo geral, abaixo do Tejo.

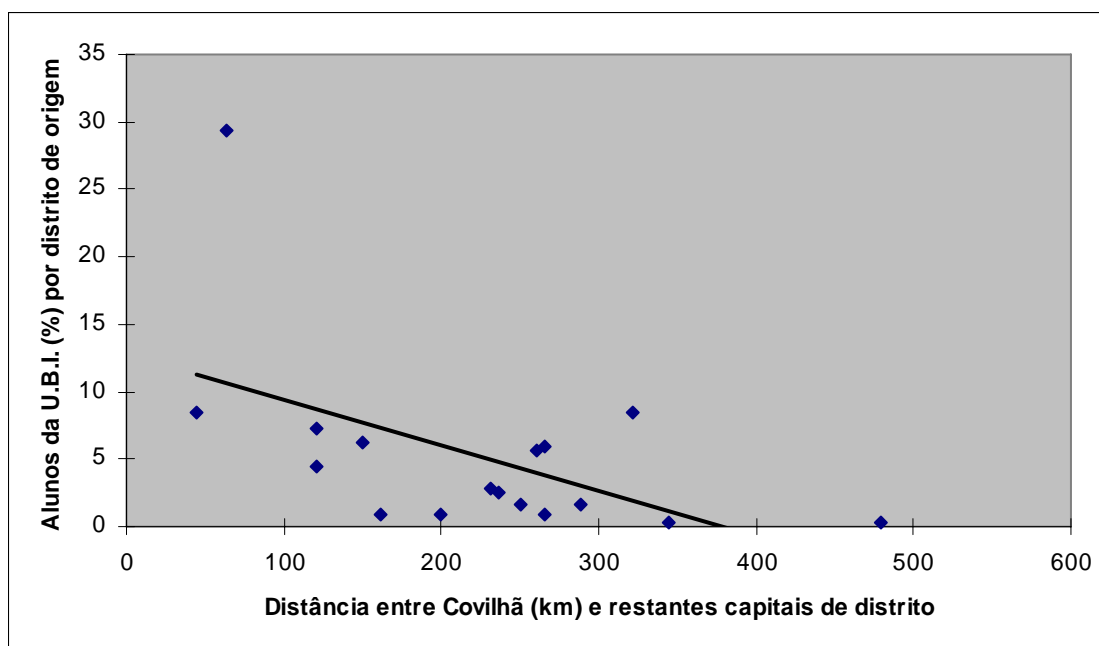
**Gráfico 1: Relação entre a origem geográfica dos estudantes e localização da Universidade de Évora**



Fonte: Elaboração própria.

Em função dos resultados anteriores, para ambas as instituições analisadas, a distância entre a localização da Universidade e o local de origem dos estudantes parece revelar-se determinante<sup>2</sup>. Assim, procedemos à estimação de regressões entre as variáveis ‘Alunos (%) por distrito de origem’ e ‘Distância (km) da capital do distrito de origem à Universidade’. Os resultados obtidos (gráficos 1 e 2), para ambas as instituições, revelam-se estatisticamente significativos e permitem-nos comprovar o pressuposto de partida: ou seja, o grau de atracção destas IES é tanto mais intenso quanto menor a distância geográfica para o local de origem dos alunos.

**Gráfico 2: Relação entre a origem geográfica dos estudantes e localização da Universidade da Beira Interior**



Fonte: Elaboração própria.

Na U.B.I., verificou-se uma repartição quase equitativa entre os alunos do sexo feminino e do sexo masculino que responderam ao questionário, enquanto na U.E. predominaram claramente os estudantes do sexo feminino (Quadro 3). Em ambas as instituições a maioria dos alunos tem uma idade compreendida entre os 21 anos e os 25 anos (Quadro3).

<sup>2</sup> No caso da Universidade de Évora esta hipótese já havia sido comprovada em Rego e Caleiro (2004).

Constata-se que os alunos da U.B.I. que responderam ao questionário se apresentam distribuídos pelas várias licenciaturas ministradas, apesar de se verificar uma maior representatividade dos alunos que frequentam as licenciaturas em Gestão, Engenharia Informática, Psicologia, Economia e Engenharia Civil. No caso da U.E., os respondentes distribuem-se pela maioria das licenciaturas ministradas na instituição, sendo preponderantes, por ordem decrescente de importância, os alunos de Gestão de Empresas, Arquitectura Paisagista, Arquitectura e Filosofia (Quadro 4).

Procurámos, nesta análise, contemplar os factores de personalidade que segundo vários autores se encontram associados a uma maior propensão para uma pessoa ter um comportamento empreendedor.

Pelos valores das médias e dos desvios padrões verificados em cada item que avalia os atributos pessoais (Quadro 5) dos estudantes destas instituições, conclui-se que possuem atributos que atestam a sua potencial apetência para um comportamento empreendedor. Em ambas as universidades, a independência, a curiosidade relativamente a novos temas ou formas de actuar bem como a autonomia no trabalho foram as categorias que registaram valores médios mais elevados. Naturalmente que estas conclusões não são surpreendentes, se considerarmos que os alunos inquiridos estão a finalizar as suas licenciaturas, justificando-se o seu maior desejo pela independência, curiosidade e autonomia no trabalho.

Relativamente à preparação proporcionada pelas IES analisadas (Quadro 6), em ambos os casos, os alunos sentem que a melhor preparação diz respeito à prossecução dos estudos, seguida da preparação para trabalhar como profissional numa empresa. Contudo a avaliação da preparação recebida pelos alunos para criar a própria empresa (com o valor médio de 4,1 na U.B.I. e 3,5 na U.E.) parece indicar que os alunos se sentem preparados para a criação do seu próprio negócio.

A análise das expectativas dos estudantes relativamente ao seu futuro profissional (Quadro 7) está em conformidade com os resultados apreciados acerca da preparação proporcionada pela U.B.I.. Assim, para os alunos das duas instituições o mais provável será obterem um emprego qualificado numa empresa, seguido de um emprego como trabalhador por conta própria e só depois surge a possibilidade de ter um emprego através da sua própria empresa.

Os resultados dos Quadros 6 e 7 sugerem que os estudantes destas IES, embora não sejam totalmente relutantes no que respeita à criação da sua própria empresa, parecem preferir um emprego qualificado, mas como trabalhadores por conta de outrem. Estes resultados são reforçados pela análise das questões que procuraram medir a propensão dos alunos para a criação da sua própria empresa (Quadro 8). De facto, os estudantes inquiridos na U.B.I. e na U.E. consideram que é mais difícil actualmente criar uma empresa do que há cinco anos atrás. Além disso, os alunos parecem considerar que vale a pena criar uma empresa, assim como já o pensaram fazer.

Apesar dos respondentes já terem pensado em criar a sua própria empresa e considerarem que vale a pena fazê-lo, verifica-se que a possibilidade de constituírem a sua própria empresa é muito menor. Estes resultados sugerem que apesar dos estudantes terem uma atitude positiva relativamente à criação da sua empresa, revelam, simultaneamente, alguma relutância quando se coloca a possibilidade de concretização.

Um considerável número de estudantes da U.B.I. revela a vontade de se deslocarem para outra localidade diferente daquela onde estuda, após a conclusão da licenciatura. Além disso, um menor número de estudantes mostrou intenção de regressar ao seu concelho de origem e a menor percentagem dos estudantes incide sobre aqueles que tencionam mudar-se para o concelho onde estudam (Quadro 9). Na U.E., por seu turno, a maior parte dos respondentes a este questionário afirma ter intenção de se deslocar para o concelho onde estuda (40,3%). Também é significativa percentagem dos que pretende regressar ao concelho de origem (34,1%). Estes resultados indicam-nos que a U.B.I. desempenha um papel de preparação dos alunos para inserção no mercado de trabalho, mas não desempenha um papel forte na fixação dos alunos na região em que se localiza. No caso da U.E., por seu turno, já se pode considerar que a instituição contribui de forma positiva para a fixação de diplomados no território em que se insere.

No caso da U.B.I., este resultado é suportado, quando se cruza o distrito de nascimento com a intenção do local de fixação dos estudantes (Quadro 10). Os resultados indicam que 64,9% dos estudantes da U.B.I. nascidos no distrito de Castelo Branco mostram intenção de mudarem para outro local, após a finalização da sua licenciatura. Este resultado pode ser explicado pela intenção de procurar emprego num distrito diferente ao do nascimento, ao que pode não ser alheio a falta de emprego neste distrito do interior de Portugal. Esta conclusão parece encontrar suporte, atendendo ao facto dos estudantes que maior propensão têm para se tornarem trabalhadores por conta

própria ou criarem a sua própria empresa são os estudantes que revelam maior vontade de se fixarem no concelho onde nasceram (Quadro 12). Este resultado mostra que o espírito empreendedor e a propensão para criação de empresas são factores fomentadores da fixação dos jovens aos concelhos onde nasceram.

No caso da U.E. (Quadro 11), entre os estudantes nascidos no distrito de Évora, cerca de 1/5 deseja permanecer no concelho onde estuda; contudo, verificamos que muitos destes estudantes têm intenção de se deslocarem para outro local (39%) ou de regressar aos seus concelhos de origem (28,6%). Assim, podemos concluir que a maioria dos estudantes originários do distrito de Évora pretende permanecer neste território. De facto, as condições infra-estruturais que nos últimos anos têm melhorado significativamente as acessibilidades do distrito, quer ao litoral do país – particularmente à zona da Grande Lisboa – quer à zona fronteiriça espanhola, parecem estar a contribuir para a melhoria da atractividade do Alentejo Central. Ainda neste domínio, salientamos que, por exemplo, entre os respondentes oriundos de Santarém, mais de 1/3 afirma pretender fixar-se em Évora. Por outro lado, entre os estudantes da U.E. provenientes de Portalegre e Beja são em número muito significativo os que desejam deslocar-se para outro local, distinto dos concelhos de origem ou de estudo. Não é de estranhar que entre os estudantes originários dos distritos de Lisboa, Leiria e Setúbal a maior parcela refere pretender regressar ao concelho de origem, o que revela o maior grau de atractividade destes territórios.

Quando pretendemos relacionar a forma como os estudantes da U.E. encaram a criação da sua própria empresa e o local onde se desejam fixar depois de terminarem os estudos (Quadro 12), verificamos que os valores médios mais elevados se registam nos casos em que os respondentes desejam mudar para outro local ou para o estrangeiro com o objectivo de trabalhar por conta de outrem; também são significativas as estatísticas relativas aos que pretendem obter um emprego qualificado numa empresa, mudando-se para o concelho onde estudam ou regressando ao concelho de origem. Estes dados confirmam o que afirmámos antes relativamente à baixa predisposição para a criação dos próprios postos de trabalho.

## **6. Notas Finais**

A partir dos resultados obtidos com os questionários aplicados aos estudantes das Universidades de Évora e da Beira Interior podemos concluir que em ambas as

instituições a maioria dos estudantes provém das áreas geográficas mais próximas. Contudo, no que respeita à intenção de permanecer no concelho onde estudam ou de regressar ao concelho de origem, os alunos da U.E. e da U.B.I. revelam posições divergentes: enquanto os estudantes da U.B.I. manifestam vontade de se deslocarem para outra localidade, quando terminarem os seus estudos. Este resultado evidencia a fraca atractividade do distrito de Castelo Branco em termos da oferta de emprego por parte das empresas/outras entidades. Entre os alunos da U.E. é significativa a proporção dos que afirmam pretender permanecer no concelho de Évora ou regressar ao concelho de origem. Estamos em crer que a forma diversa como é percebido o conceito de “interioridade”, devido à “distância relacional” com as zonas urbanas do litoral português, nestas duas cidades universitárias é, em grande medida, responsável por esta manifestação de intenções.

No que toca aos atributos pessoais dos estudantes das IES analisadas podemos concluir que estes dispensam particular importância aos itens relacionados com a independência, curiosidade e autonomia no trabalho, o que nos poderia levar a concluir pela existência de um potencial comportamento empreendedor. Contudo, esta ideia desvanece-se quando os estudantes respondem preferir um emprego qualificado por conta de outrem em vez de desenvolverem o seu próprio negócio. Ainda que já o tenham pensado fazer e considerando inclusive que seria bem sucedido o desenvolvimento de empresas próprias, o certo é que a perspectiva das dificuldades actualmente associadas a esta tarefa fazem-nos arrear caminho.

## **7. Bibliografia**

- BOYD, N. e VOZIKIS, G. (1994), “The influence of self-efficacy on the development of entrepreneurial intentions and actions”, *Entrepreneurship: Theory and Practice*, vol. 18, nº. 4, pp. 63-77.
- BROCKHAUS, R. (1980), “Risk-taking propensity of entrepreneurs”, *Academy of Management Journal*, vol. 23, nº. 3, pp. 509-520.
- BROW R. H. e HEANEY M.T. (1997), “A note on measuring the economic impact of institutions of higher education” in *Res. Higher Education*, vol. 38, nº 2, pp. 229-240.
- GODDARD, J. (1998), “Contribution au développement national et regional”, UNESCO, Conférence mondiale sur l’enseignement supérieur, Paris.
- GORMAN, G. (1997), “Some research perspectives on entrepreneurship education, enterprise education and education for small business management: a ten-year literature review”, *International Small Business Journal*, vol. 15, nº 3, pp. 56-79.

- HANSEMARK, O. (1998), "The effects of an entrepreneurship programme on need for achievement and locus of control of reinforcement", *International Journal of Entrepreneurship Behaviour and Research*, vol. 4, nº. 1, pp. 28-50
- HATTEN, T. (1995), "Student attitudes toward entrepreneurship as affected by participation in a SBI program", *Journal of Education for Business*, Vol. 7, Nº. 4, pp. 224-227.
- HUFFMAN, D. e QUIGLEY, J. (2002), "The role of university in attracting high tech entrepreneurship: a Silicon Valley tale", *The Annals of Regional Science*, vol. 306, pp. 403-409.
- KOURILSKY, M. (1980), "Predictors of entrepreneurship in a simulated economy", *The Journal of Creative Behavior*, vol.14, nº 3, pp. 175-199.
- LOPES, RAUL (2001), *Competitividade, Inovação e Territórios*, Lisboa, Celta Editora.
- MCCLELAND, D. (1961), *The Achieving Society*, (ed.) Princeton, New York.
- NEAVE, G. (1979), "Education and regional development: an overview of a growing controversy" in *European Journal of Education*, vol. 14, nº 3, pp. 207-231
- REGO, C. E CALEIRO, A. (2004), "A Atracção das Universidades em Regiões Economicamente Deprimidas: O caso da Universidade de Évora", *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, 7, 3.º Quadrimestre, 19-40.
- SHELTON, J.R. (1997), "Economic growth and the importance of people in regional competitiveness" in *Regional Competitiveness and Skills*, OCDE, pp. 15-19
- SEXTON, D. e BOWMAN, N. (1993), "Determining entrepreneurial potential of students", *Academy of Management Proceedings*, pp. 408-411.
- SIMÕES LOPES, A. (1996), "Educação, formação e desenvolvimento regional", comunicação apresentada ao IV Encontro Nacional da A.P.D.R., Covilhã.
- VESPER, K. (1990), *New Venture Strategies*, (ed.) Prentice-Hall, Englewood Cliffs.
- WAYNE, S. WATSON, W., CARLAND, J. e CARLAND, J. (2003), "Entrepreneurial goal orientations: a comparative exploration of US and Russian entrepreneurs", *Journal of Small Business Management*", vol. 4, nº. 1, pp. 27-46.

## 8. Anexos

**Quadro 1: Estrutura da distribuição dos questionários, por curso, na U.E.**

Curso	%
Arquitectura	3,8
Arquitectura Paisagista	5,5
Artes Plásticas - Ramo Artístico	3,0
Biologia	3,6
Bioquímica	2,0
Economia	6,5
Educação de Infância	3,1
Educação Física e Desporto	4,8
Engenharia Agrícola	4,9
Engenharia Biofísica - Ordenamento e Gestão Ambiental	5,3
Engenharia dos Recursos Hídricos	2,3
Engenharia Informática	7,1
Engenharia Mecatrónica	3,4
Engenharia Química / Química	2,7
Engenharia Zootécnica - Ramo Científico-Tecnológico	6,6
Ensino Básico - 1º Ciclo	2,9
Filosofia	3,3
Gestão / Gestão De Empresas (Ref.1992)	4,9
História, Ramo De Património Cultural	2,7
Línguas e Literaturas - Português e Francês Via D	1,0
Línguas e Literaturas - Português e Inglês	1,2
Medicina Veterinária	4,3
Música	3,2
Psicologia	6,0
Sociologia	4,7
Tradução - Variante de Inglês e Francês	1,2

Fonte: Elaboração própria.

**Quadro 2 – Distrito de nascimento dos alunos**

Universidade da Beira Interior			Universidade de Évora		
Distrito	Nº alunos	%	Distrito	Nº alunos	%
Açores	2	0,6	Açores	11	2,6
Aveiro	20	6,3	Aveiro	5	1,2
Beja	1	0,3	Beja	20	4,8
Braga	19	6,0	Braga	7	1,7
Bragança	5	1,6	Bragança	4	1,0
Castelo Branco	93	29,4	Castelo Branco	7	1,7
Coimbra	14	4,4	Coimbra	14	3,4
Évora	3	0,9	Évora	118	28,4
Faro	1	0,3	Faro	20	4,8
Guarda	27	8,5	Guarda	4	1,0
Leiria	9	2,8	Leiria	24	5,8
Lisboa	27	8,5	Lisboa	58	13,9
Madeira	1	0,3	Madeira	6	1,4
Portalegre	3	0,9	Portalegre	25	6,0
Porto	18	5,7	Porto	7	1,7
Santarém	8	2,5	Santarém	20	4,8
Setúbal	---	---	Setúbal	25	6,0
Viana do Castelo	5	1,6	Viana do Castelo	6	1,4
Vila Real	3	0,9	Vila Real	2	0,5
Viseu	23	7,3	Viseu	3	0,7
Resto da Europa	18	5,7	Resto da Europa	14	3,4
América	5	1,6	América	3	0,7
África	10	3,2	África	13	3,1
Não responderam	1	0,3	Não responderam	5	1,2
<b>Total</b>	<b>316</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>421</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaboração própria.

**Quadro 3 – Sexo e Idade dos alunos**

Características pessoais	U.B.I.		U.E.	
	Nº. de alunos	%	Nº. de alunos	%
<b>Sexo</b>				
Masculino	150	47,5	177	42,3
Feminino	164	51,9	241	57,7
Não responderam	2	0,6	3	0,7
<b>Total</b>	<b>316</b>	<b>100</b>	<b>421</b>	<b>100,0</b>
<b>Idade</b>				
Menos de 20 anos	77	24,4	30	7,2
Entre 21 e 25 anos	199	63,0	302	72,6
Entre 26 e 30 anos	34	10,8	54	13,0
Entre 31 e 35 anos	1	0,3	13	3,1
Mais de 36 anos	3	0,9	17	4,1
Não responderam	2	0,6	5	1,2
<b>Total</b>	<b>316</b>	<b>100,0</b>	<b>421</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaboração própria.

**Quadro 4 – Distribuição dos alunos segundo a licenciatura frequentada**

Universidade da Beira Interior			Universidade de Évora		
Licenciatura	Nº. alunos	%	Licenciatura	Nº. alunos	%
Gestão	55	17,4	Arquitectura	30	7,1
Engenharia Informática	37	11,7	Arq. Paisagísta	40	9,5
Psicologia	34	10,8	Biologia	1	0,2
Economia	30	9,5	C. Act. Física Humana	5	1,2
E. Civil	25	7,9	Economia	4	1,0
Marketing	17	5,4	Educ. Física e Desporto	13	3,1
E. Electrotécnica	14	4,4	Eng. Agrícola	21	5,0
E. Mecânica	12	3,8	Eng. Biofísica	17	4,0
E. Aeronáutica	10	3,2	Eng. Processos e Energ.	2	0,5
Matemática	8	2,5	Eng. Mecatrónica	27	6,4
Sociologia	8	2,5	Eng. Rec. Geológicos	2	0,5
Ciências do Desporto	7	2,2	Eng. Rec. Hídricos	17	4,0
Bioquímica	6	1,9	Eng. Informática	20	4,8
E. Electromecânica	6	1,9	Eng. Zootécnica	21	5,0
outro	6	1,9	Filosofia	28	6,7
Ciências da Comunicação	4	1,3	Gestão de Empresas	47	11,2
E.P.G.I	4	1,3	História	21	5,0
Matemática/ Informática	4	1,3	Infor. e Gestão	3	0,7
Química Industrial	3	0,9	Línguas - Por/Francês	10	2,4
E. Têxtil	3	0,9	Línguas - Por/Inglês	4	1,0
E. Química	3	0,9	Med. Veterinária	23	5,5
Filosofia	3	0,9	Música	10	2,4
Design Industrial	2	0,6	Psicologia	19	4,5
LCP	2	0,6	Sociologia	24	5,7
Informática (ensino)	2	0,6	Tradução - Inglês/Francês	12	2,9
Português/ Espanhol	2	0,6	Sub- total	421	100
Medicina	2	0,6			
Design Têxtil e do Vestuário	1	0,3			
Cinema	1	0,3			
Total de respostas	311	98,4	Total de respostas	421	26,7
Não responderam	5	1,6	Não responderam	1157	73,3
Total	316	100,0	Total	1578	100,0

Fonte: Elaboração própria.

**Quadro 5 - Atributos pessoais dos alunos**

Atributos	U.B.I.			U.E.		
	Média	Desvio padrão	N	Média	Desvio padrão	N
Considera-se uma pessoa adaptável à mudança	5,5	1,2	315	5,4	1,1	419
Sente auto-confiança nas suas capacidades	5,3	1,2	315	5,2	1,2	419
Considera importante dispor de autonomia no trabalho	5,9	1,0	315	5,9	1,0	420
Considera-se uma pessoa com capacidade de liderança	5,2	1,2	315	5,0	1,2	416
Considera-se uma pessoa criativa no momento de resolver os problemas	5,3	1,1	315	5,2	1,2	418
Sente curiosidade para conhecer temas novos ou maneiras diferentes de actuar	5,9	0,96	314	6,0	1,0	420
Dedica o tempo necessário para fazer bem um trabalho ou levar por diante um projecto	5,3	1,2	309	5,4	1,2	420
Enfrenta as dificuldades de forma animada e optimista	4,9	1,3	311	4,9	1,3	415
Considera-se uma pessoa perseverante	4,9	1,2	313	5,3	2,7	407
Considera-se uma pessoa entusiasta na hora de iniciar novos projectos	5,6	1,0	314	5,6	1,2	420
Tolera bem os fracassos e utiliza-os para aprender	5,6	1,1	315	4,8	1,3	418
Capacidade de trabalhar em equipa ou com outras pessoas	5,6	1,1	313	5,6	1,2	420
Gosta de tomar a iniciativa em situações complexas ou delicadas	5,2	1,2	314	5,0	1,2	416
Gosta de se sentir independente	5,9	1,1	315	6,0	1,0	418
Tem predisposição para assumir riscos	5,2	1,2	316	5,2	1,2	417

Cada item foi avaliado numa escala de 1= nunca a 7= sempre.

Fonte: Elaboração própria.

**Quadro 6 - Níveis de preparação proporcionada pelas IES analisadas**

		Trabalhar como profissional numa empresa	Trabalhar numa empresa da família	Trabalhar por conta própria	Criar uma empresa própria	Prosseguir os estudos
U.B.I.	Média	4,4	3,7	4,2	4,1	5,0
	Desvio padrão	1,5	1,6	1,5	1,6	1,4
	N	314	311	312	312	312
U.E.	Média	4,3	3,7	4,0	3,5	5,0
	Desvio padrão	1,4	1,6	1,5	1,5	1,4
	N	417	405	415	414	415

Cada item foi avaliado numa escala de 1= nunca a 7= sempre.

Fonte: Elaboração própria.

**Quadro 7 – Tipo de emprego mais provável após a licenciatura na U.B.I.**

		Empregado não qualificado de empresa	Empregado qualificado de empresa	Empregado de empresa familiar	Trabalhador autónomo	Empresa própria
U.B.I.	Média	2,9	5,0	3,0	4,0	3,8
	Desvio padrão	1,8	1,5	2,0	1,8	1,9
	N	306	313	307	309	312
U.E.	Média	3,2	4,8	2,7	3,6	3,2
	Desvio padrão	1,8	1,4	1,8	1,7	1,7
	N	402	413	397	402	401

Cada item foi avaliado numa escala de 1= nunca a 7= sempre.

Fonte: Elaboração própria.

### Quadro 8 – Propensão para a criação da própria empresa

Categorias	U.B.I.			U.E.		
	Média	Desvio padrão	N	Média	Desvio padrão	N
Grau de dificuldade de criar uma empresa na actualidade em comparação há 5 anos atrás	4,8	1,5	311	4,6	1,4	411
Vale a pena criar ou fundar uma empresa na actualidade	4,2	1,4	314	4,3	1,3	416
Já alguma vez pensou em criar uma empresa própria	4,2	1,7	316	4,2	1,6	417
Possibilidade de constituir a sua própria empresa	3,6	1,4	315	3,2	1,3	416

Cada item foi avaliado numa escala de 1= pouco a 7 = muito  
 Fonte: Elaboração própria.

### Quadro 9 – Local de fixação após terminar a licenciatura

Quando terminar curso pensa que irá	U.B.I.		U.E.	
	Nº alunos	%	Nº alunos	%
Mudar para outro local	133	42,1	58	15,6
Regressar ao concelho de origem	81	25,6	127	34,1
Mudar para o concelho onde estuda	26	8,2	150	40,3
Mudar para o estrangeiro	30	9,5	37	9,9
Não responderam	46	14,6	49	11,6
Total	316	100,0	421	100,0

Fonte: Elaboração própria

**Quadro 10 – Análise cruzada das variáveis  
‘Local de nascimento’/ ‘Conclusão da licenciatura’ no caso da U.B.I.**

<b>Local de nascimento</b>	<b>mudar para o concelho onde estuda</b>	<b>regressar ao concelho de origem</b>	<b>mudar para outro local</b>	<b>mudar para o estrangeiro</b>
<b>Aveiro</b>	5,9%	52,9%	29,4%	11,8%
<b>Beja</b>	,0%	100,0%	,0%	,0%
<b>Braga</b>	5,9%	58,8%	23,5%	11,8%
<b>Bragança</b>	,0%	25,0%	50,0%	25,0%
<b>Castelo Branco</b>	13,0%	11,7%	64,9%	10,4%
<b>Coimbra</b>	,0%	33,3%	58,3%	8,3%
<b>Leiria</b>	12,5%	50,0%	37,5%	,0%
<b>Évora</b>	66,7%	,0%	33,3%	,0%
<b>Faro</b>	,0%	100,0%	,0%	,0%
<b>Guarda</b>	8,3%	25,0%	54,2%	12,5%
<b>Lisboa</b>	17,4%	21,7%	43,5%	17,4%
<b>Portalegre</b>	50,0%	50,0%	,0%	,0%
<b>Porto</b>	,0%	41,2%	41,2%	17,6%
<b>Santarém</b>	16,7%	33,3%	33,3%	16,7%
<b>Viana do Castelo</b>	,0%	66,7%	33,3%	,0%
<b>Vila Real</b>	,0%	100,0%	,0%	,0%
<b>Viseu</b>	9,5%	9,5%	76,2%	4,8%
<b>Açores</b>	,0%	,0%	,0%	100,0%
<b>Madeira</b>	,0%	,0%	,0%	100,0%
<b>Resto da Europa</b>	6,3%	43,8%	37,5%	12,5%
<b>América</b>	,0%	20,0%	80,0%	,0%
<b>África</b>	,0%	88,9%	11,1%	,0%
<b>Total</b>	9,7%	30,1%	49,1%	11,2%

Fonte: Elaboração própria

**Quadro 11 – Análise cruzada das variáveis  
‘Local de nascimento’/ ‘Conclusão da licenciatura’ no caso da U.E.**

<b>Local de nascimento</b>	<b>de</b>	<b>mudar para o concelho onde estuda</b>	<b>regressar ao concelho de origem</b>	<b>mudar para outro local</b>	<b>mudar para o estrangeiro</b>
<b>Aveiro</b>		,0%	100,0%	,0%	,0%
<b>Beja</b>		12,5%	31,3%	50,0%	6,3%
<b>Braga</b>		,0%	57,1%	28,6%	14,3%
<b>Bragança</b>		25,0%	,0%	75,0%	,0%
<b>Castelo Branco</b>		,0%	50,0%	16,7%	33,3%
<b>Coimbra</b>		9,1%	36,4%	45,5%	9,1%
<b>Évora</b>		21,9%	28,6%	39,0%	10,5%
<b>Faro</b>		,0%	44,4%	50,0%	5,6%
<b>Guarda</b>		,0%	,0%	100,0%	,0%
<b>Lisboa</b>		12,7%	41,8%	30,9%	14,5%
<b>Leiria</b>		16,7%	45,8%	37,5%	,0%
<b>Porto</b>		50,0%	25,0%	25,0%	,0%
<b>Portalegre</b>		17,4%	26,1%	39,1%	17,4%
<b>Santarém</b>		33,3%	22,2%	38,9%	5,6%
<b>Setúbal</b>		4,5%	45,5%	45,5%	4,5%
<b>Viana do Castelo</b>		,0%	20,0%	80,0%	,0%
<b>Vila Real</b>		,0%	50,0%	50,0%	,0%
<b>Viseu</b>		,0%	,0%	100,0%	,0%
<b>Açores</b>		9,1%	27,3%	54,5%	9,1%
<b>Madeira</b>		40,0%	40,0%	20,0%	,0%
<b>Resto da Europa</b>		16,7%	16,7%	58,3%	8,3%
<b>América</b>		,0%	66,7%	33,3%	,0%
<b>África</b>		25,0%	25,0%	,0%	50,0%
<b>Total</b>		15,7%	33,9%	40,4%	10,0%

**Quadro 12 – Análise cruzada das variáveis  
‘Atitudes face à criação da própria empresa’ / ‘Local de fixação’**

Atitudes face à criação da própria empresa local de fixação		U.B.I.			U.E.		
		Média	Desvio padrão	N	Média	Desvio padrão	N
<b>já alguma vez pensou em criar uma empresa própria</b>	mudar para o concelho onde estuda	4,5	2,0	26	4,0	1,6	57
	regressar ao concelho de origem	4,4	1,6	81	4,4	1,6	127
	mudar para outro local	3,9	1,6	133	4,2	1,7	149
	mudar para o estrangeiro	5,0	1,6	30	4,1	1,6	37
	Total	4,2	1,7	270	4,2	1,6	370
<b>vale a pena criar ou fundar uma empresa na actualidade</b>	mudar para o concelho onde estuda	4,3	1,6	26	4,2	1,4	58
	regressar ao concelho de origem	4,5	1,5	80	4,2	1,4	127
	mudar para outro local	4,0	1,3	133	4,3	1,3	150
	mudar para o estrangeiro	4,3	1,8	29	4,1	1,4	37
	Total	4,2	1,5	268	4,2	1,6	370
<b>grau de dificuldade de criar uma empresa na actualidade em comparação a 5 anos atrás</b>	mudar para o concelho onde estuda	5,0	1,5	25	4,5	1,7	56
	regressar ao concelho de origem	4,9	1,5	81	4,6	1,4	123
	mudar para outro local	4,7	1,5	133	4,7	1,4	149
	mudar para o estrangeiro	4,7	1,7	27	4,9	1,4	36
	Total	4,8	1,5	266	4,7	1,4	364
<b>trabalhar por conta de outrem</b>	mudar para o concelho onde estuda	5,5	1,4	26	5,3	1,2	58
	regressar ao concelho de origem	5,3	1,3	79	5,3	1,3	125
	mudar para outro local	5,6	1,2	133	5,6	1,2	149
	mudar para o estrangeiro	5,3	1,9	30	5,1	1,3	37
	Total	5,5	1,4	268	5,4	1,2	369
<b>trabalhar por conta própria</b>	mudar para o concelho onde estuda	3,9	1,8	26	4,2	1,4	57
	regressar ao concelho de origem	4,7	1,4	80	4,1	1,4	124
	mudar para outro local	4,0	1,7	130	4,1	1,5	147
	mudar para o estrangeiro	4,0	1,8	30	3,5	1,6	35
	Total	4,2	1,7	266	4,1	1,5	363
<b>empresa própria</b>	mudar para o concelho onde estuda	4,1	1,9	26	3,4	1,6	57
	regressar ao concelho de origem	4,0	1,8	80	3,3	1,8	121
	mudar para outro local	3,5	1,8	130	3,0	1,7	146
	mudar para o estrangeiro	4,0	2,0	30	3,0	1,7	35
	Total	3,8	1,8	266	3,2	1,7	359

<b>autónomo</b>	mudar para o concelho onde estuda	4,3	1,4	26	3,6	1,6	57
	regressar ao concelho de origem	4,0	1,7	78	3,6	1,6	121
	mudar para outro local	3,9	1,8	129	3,3	1,7	146
	mudar para o estrangeiro	4,3	1,9	30	3,7	1,6	35
	Total	4,0	1,7	263	3,5	1,6	359
<b>empregado de empresa familiar</b>	mudar para o concelho onde estuda	3,3	1,9	26	2,6	1,5	56
	regressar ao concelho de origem	3,2	2,1	78	2,8	1,9	119
	mudar para outro local	2,7	1,9	127	2,6	1,8	145
	mudar para o estrangeiro	2,9	1,9	30	2,8	1,6	35
	Total	3,0	2,0	261	2,7	1,7	355
<b>empregado qualificado de empresa</b>	mudar para o concelho onde estuda	5,1	1,5	26	4,8	1,3	57
	regressar ao concelho de origem	5,1	1,4	79	4,9	1,4	125
	mudar para outro local	4,9	1,6	132	4,7	1,4	147
	mudar para o estrangeiro	5,1	1,4	30	4,3	1,6	36
	Total	5,0	1,5	267	4,7	1,4	365
<b>empregado não qualificado de empresa</b>	mudar para o concelho onde estuda	2,8	1,8	26	3,4	1,6	56
	regressar ao concelho de origem	2,9	1,7	78	3,2	1,7	119
	mudar para outro local	3,0	1,8	127	3,1	1,7	147
	mudar para o estrangeiro	2,5	1,7	29	3,2	2,1	37
	Total	2,9	1,8	260	3,2	1,7	359

Cada item foi avaliado numa escala de 1= pouco a 7 = muito  
Fonte: Elaboração própria.